

## II.1 HISTORIQUE DE LA RECHERCHE

Ana Cristina ARAÚJO\*

### II.1.a. LOCALIZAÇÃO

A Gruta do Escoural encontra-se localizada no concelho de Montemor-o-Novo, freguesia de Santiago do Escoural, povoação da qual dista sensivelmente 2 Km. O acesso pode ser feito através da Estrada Nacional nº 370, que liga Santiago do Escoural ao entroncamento com a E.N.114 (Montemor-o-Novo — Évora). As coordenadas geográficas UTM são as seguintes: (folha 458 dos Serviços Cartográficos do Exército - 1971 - Escala 1/25000) (Fig. 1):

M - 575250

P - 266700

Altitude - 370 metros.

A região abrangida pelo concelho de Montemor-o-Novo, e particularmente a zona onde se implanta a gruta, inscreve-se numa área de formações metamórficas do Pré-Câmbrico, constituídas por xistos, micaxistos, xistos anfibólicos e sobretudo gneisses. A cavidade abre-se numa estreita faixa de calcários cristalinos, muito metamorfizados, intercalados com faixas de corneanas e gneisses, que se encontram dispostas segundo uma orientação NW—SE. Sob o ponto de vista hidrográfico, apesar da presença de algumas linhas de água subsidiárias da Ribeira da Prata e da Ribeira das Alcáçovas - Ribeiras do Escoural, Mata Frades, Pinheiro, Ribeirinha e S. Brissos - a maioria apresenta caudais muito reduzidos, por vezes interrompidos, devido ao clima muito quente e seco de Verão.

Encontram-se referenciadas diversas minas de exploração de ferro na freguesia de Santiago do Escoural, de que se destacam as da Herdade da Nogueirinha e da Defesa. No entanto, apesar de terem atingido uma certa importância em termos económicos, a exploração da maioria foi cancelada nos inícios deste século. Os afloramentos de calcários e mármore têm sido igualmente aproveitados para fins industriais, mantendo-se ainda em exploração, nas proximidades da gruta, uma pedreira de calcário.

Esta região, embora de certa forma condicionada pelas formações das serras de Monfurado e Montemuro, apresenta a paisagem típica da península alentejana, de clima marcadamente continental, com um coberto vegetal dominado por matas de estevas, e uma cultura arvense de sequeiro onde abundam as azinheiras e os sobreiros. Em complemento a um tipo de lavoura marcadamente extensiva, desenvolveu-se o pastoreio. Estas características

---

\* Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Lisboa

conferem uma singular unidade, uniformidade e "monotonia" à paisagem; esta condicionou no passado, e condiciona ainda, as opções e estratégias de fixação e subsistência das comunidades humanas.

## II.1.b. HISTÓRIA DAS ESCAVAÇÕES ANTIGAS

O espólio recolhido nas antigas escavações, bem como a documentação de campo produzida em 1963 e conservada no MNA (plantas, cortes e alçados), permitiram estabelecer, em parte, correspondências entre os materiais exumados por anos de escavação, por um lado, e o seu exacto posicionamento espacial e estratigráfico, por outro. Este processo de aferição permitiu igualmente entender parte das informações codificadas contidas nas etiquetas que acompanhavam as peças. A sequência que se segue está organizada por anos de escavação; cada ano de escavação é entendido como "campanha arqueológica", de duração variável.

### 2.1. Sequência cronológica dos trabalhos<sup>1</sup>

#### 1963 - 1ª campanha arqueológica

São realizados os primeiros levantamentos topográficos da Sala A e das galerias 1, 2 e 3 (Fig. 3), e removidos os materiais que se encontravam soltos à superfície, mas aparentemente organizados em conjuntos que Farinha dos Santos designou de "Grupos" (ver Parte IV, Cap. 2). As plantas realizadas nessa altura representam vários desses conjuntos, correspondentes aparentemente aos restos de deposições funerárias individuais, ou muito simplesmente a concentrações bem delimitadas de objectos (veja-se a título de exemplo a planta da Galeria 1 onde se encontram assinalados, numericamente, os "grupos" identificados e a numeração atribuída - Fig. 4). O seguinte quadro sintetiza, esquematicamente, o número e a localização dos diferentes "grupos" identificados.

Localização	Grupos								
Sala A	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Galeria 1	10	11	12						
Galeria 2	13	14	15						
Galeria 3	16	17	18	19	20				

Não existe qualquer documentação gráfica que nos forneça informações sobre a localização espacial dos conjuntos individualizados no interior da sala A. Porém, nas galerias 1, 2 e 3, a excelente qualidade e rigor dos levantamentos aí produzidos permitem facilmente situar, em termos espaciais, os diferentes

<sup>1</sup>- Neste ponto, seguiremos as designações atribuídas por M. F. dos Santos às diferentes galerias e Salas durante as sucessivas campanhas, conforme se encontram expressas na respectiva documentação.

conjuntos reconhecidos. Enquanto que no primeiro caso (sala A) não é possível fazer corresponder os materiais que apresentam indicações de "grupo" a um contexto funerário específico - salvo no caso de uma grande placa estalagmítica em depósito no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) que representa os restos de pelo menos duas deposições funerárias com espólios associados - no caso das três galerias já mencionadas os grupos levantados parecem corresponder a contextos funerários bem individualizados. Serão eles, aliás, os únicos elementos disponíveis sobre os quais se poderão tecer algumas apreciações sobre o tipo de ritual praticado no interior da cavidade. A remoção de artefactos votivos por parte da população local nos primeiros dias que antecederam o acesso de interdição à gruta, sobretudo vasos cerâmicos que se encontravam na sala de entrada à superfície contribuíu, igualmente, para que se tivessem perdido informações sobre as associações entre espólios e deposições funerárias.

No mês de Setembro iniciou-se a escavação propriamente dita na sala A. A metodologia adoptada consistiu na implantação de uma malha de "secções" com 1 metro quadrado de área, que por sua vez se agrupavam em unidades mais amplas, então designadas por "talhões". Para uma mais rápida identificação do sistema utilizado apresenta-se a planta da Sala A (Fig. 5) e a respectiva tabela de correspondências entre as "secções" e os "talhões" que serviram de base às escavações daquele ano.

Talhão	Secção																									
	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j	l	m	n	o	p	q	r	s	t	u	v	x	y	z		
1	*	*	*	*	*	*	*	*	*																	
2										*	*	*	*	*	*	*	*	*								
3																			*	*	*	*	*	*	*	

Nesta primeira campanha foram quase integralmente escavadas as primeira e segunda camadas da Sala A. O espólio recuperado era essencialmente composto por fragmentos cerâmicos, alguma indústria lítica (lâminas e lamelas), restos osteológicos humanos, sobretudo as partes anatómicas de menores dimensões, como é o caso dos ossos do carpo e do tarso, mas também alguns ossos longos, e restos osteológicos de pequenos roedores. A presença destes materiais em níveis subjacentes à calcite parece estar relacionada com fenómenos de natureza tafonómica, sobretudo ligados à deslocação na vestical de peças de menores dimensões. Com efeito, não foram recuperados recipientes inteiros nestas camadas; a pedra polida encontra-se, também aqui, praticamente ausente. Em relação às galerias 6 e 11, a sua escavação deve ter sido concluída neste mesmo ano. A potência estratigráfica nestes dois sectores resumia-se, praticamente, à placa estalagmítica inicial, onde se encontravam embalados os restos das deposições funerárias. Na Galeria 3, no entanto, apenas foi removida a camada de calcite; os níveis subjacentes permanecem, ainda hoje, por escavar.

Finalmente, foi ainda feito o reconhecimento e levantamento de algumas das pinturas e gravuras da Sala A, cujas nítidas semelhanças estilísticas e formais

com a arte rupestre franco-cantábrica levaram Farinha dos Santos a integrá-las cronologicamente no Paleolítico Superior.

Desde a primeira visita à gruta, Manuel Farinha dos Santos verificou a existência, nas respectivas paredes, de manchas e traços vermelhos. Na sequência da visita de outros arqueólogos, nomeadamente Santos Júnior, Eduardo Prescott Vicente, Fernando de Almeida e Luís de Albuquerque e Castro, o responsável confirmou a existência de vestígios de pinturas antigas, cuja autenticidade era comprovada pelas circunstâncias da descoberta da cavidade e pelo facto de se encontrarem subjacentes a uma película de calcite. Sobre estas pinturas publica um inventário preliminar no ano seguinte (1964) no *Arqueólogo Português*.

Prospecções realizadas desde logo na zona envolvente, nomeadamente no topo do afloramento rochoso onde se abre a gruta, permitiram igualmente a identificação de um outro conjunto de arte rupestre, claramente pós-paleolítico, formado por insculturas executadas por picotagem, bem como algum espólio calcolítico.

### 1964 - 2ª Campanha Arqueológica

Continuaram as escavações da Sala A. No entanto, as etiquetas que acompanham as peças apenas fazem referência a intervenções nos anteriores talhões 1, 2 e 3, a que se juntam mais dois abertos nesse ano, os talhões 4 e 5, sendo omissos em relação às "secções". Tudo leva a crer que durante este ano se abandonou o sistema utilizado anteriormente, passando o talhão a ser a única unidade de escavação. Este facto, associado à escassez de registos de campo disponíveis, torna problemática a determinação da proveniência estratigráfica e espacial dos objectos exumados. Durante a campanha deste ano abandonou-se, aparentemente, a escavação por camadas, passando a efectuar-se por níveis artificiais de 10 cm, provavelmente referenciados a um ou mais pontos cotados no interior da gruta. Esta campanha parece ter sido orientada no sentido de verificar a potencialidade arqueológica da Sala A em termos estratigráficos. Uma fiada de quadrados abertos paralelamente à parede W desta sala (cujo corte se conserva ainda como testemunho) foi, deste modo, escavada integralmente até à rocha de base. Os materiais recuperados nos níveis inferiores do depósito são constituídos, na sua maioria, por restos osteológicos de coelho, coprólitos de hiena, e uma ou outra lasca de quartzo muito patinada.

Para além das escavações realizadas na Sala A, existem materiais conservados no MNA cujas etiquetas apresentam a designação de "Galeria Nova". O escasso espólio recolhido, essencialmente caracterizado por uma mistura de materiais de épocas diferentes (algumas cerâmicas neolíticas, mas sobretudo fauna plistocénica muito fossilizada), foi exumado nas secções A, B, C, D, E e F. A localização desta galeria no interior da cavidade é desconhecida.

A descoberta ocasional de um *tholos* situado a cerca de 200 m a SW da gruta, aumentou ainda mais a importância da área onde se implanta este conjunto arqueológico. Apesar de este monumento se encontrar parcialmente destruído pela sua utilização, na altura, como forno de carvão, foi ainda possível recuperar um significativo espólio calcolítico, em que abundam as placas de xisto (cerca de centena e meia), cerâmica, e uma indústria lítica caracterizada sobretudo pela presença de diferentes tipos de pontas de seta. Este sepulcro megalítico era constituído por uma câmara circular, corredor e átrio. A escavação deste monumento prolongar-se-ia até 1966.

## 1965 - 3ª Campanha arqueológica

Os elementos disponíveis sobre esta campanha levam a crer que ela terá incidido sobretudo no levantamento da arte rupestre do interior da gruta. Isto mesmo comprovam as presenças de Maxime Vaultier e do Abade Glory, este último especialista no estudo e levantamento de gravuras rupestres. Com efeito, é escasso o espólio recolhido na necrópole neolítica. No entanto, foram neste mesmo ano abertas novas frentes de trabalho. A análise das etiquetas da escavação permitiu identificar as seguintes áreas intervencionadas: Galeria 1, os Talhões 1/65 e 2/65 "em frente à entrada natural da Gruta", ou seja, no exterior da cavidade. Estes dois talhões encontravam-se subdivididos nos seguintes sectores:

Talhão 1/65				
S.A	S.B	S.C	S.D	S.E
S.A.I	S.B.I	S.C.I	S.D.I	S.E.I
S.A.II	S.B.II	S.C.II	S.D.II	—
Talhão 2/65				
—	—	—	S.D	—
—	—	—	S.D.I	S.E.I
—	—	—	S.D.II	—

A Galeria 1 escavada em 1965 não corresponde à Galeria 1 de 1963. Com efeito, após a conclusão dos trabalhos arqueológicos neste último sector, uma nova numeração é então atribuída às diferentes galerias da cavidade. Apesar de não possuímos qualquer documentação gráfica, foi mesmo assim possível, na maioria dos casos, e através da análise de todas as informações contidas nas etiquetas que acompanhavam as peças e da observação dos cortes que ainda permanecem na cavidade como testemunho, chegar à localização exacta de algumas destas novas frentes de trabalho. No ponto 2.2 deste capítulo será apresentada e discutida a localização destas galerias no interior da cavidade. Por enquanto, apenas interessa referir que a Galeria 1 escavada em 1965 corresponde à nossa Galeria 1 da planta de 1992 (Fig. 11).

## 1966 - 4ª Campanha arqueológica

Concluiu-se a escavação na Galeria 1 (1965) e no exterior da gruta. Foram abertas, pela primeira vez, sondagens na Sala B e na Sala C. A sua localização será igualmente discutida no ponto 2.2 deste capítulo. Os materiais exumados neste ano são numerosos. Este facto está relacionado com a potência estratigráfica existente nestes sectores, como veremos adiante. Apresenta-se de seguida uma tabela com a numeração dos talhões sondados por áreas de intervenção.

	Talhões									
<b>Gal. 1</b>	9	10	11	12	13					
<b>Sala B I</b>	6	7	8							
<b>Sala C I/II</b>	12	13	14	15						
<b>Exterior</b>	1a	1b	1c	2a	2b	2c	3	3a	3c	4a

As escavações realizadas no exterior da cavidade permitiram a identificação de um contexto sepulcral constituído por "um esqueleto inumado em fossa e acompanhado apenas por duas peças líticas circulares com perfuração central" (Santos 1971). Segundo o autor, estes vestígios encontravam-se por baixo de "um nível de habitação do Neolítico recente".

#### 1968 - 5ª Campanha arqueológica

O espólio exumado durante este ano é numericamente inexpressivo. Apesar das respectivas etiquetas apresentarem indicações de proveniência espacial, as sucessivas mudanças verificadas na numeração das galerias - sem que tivessem sido aparentemente acompanhadas pelo registo em planta - não permitem actualmente fazer corresponder a um local preciso cada uma dessas referências. Nas áreas sondadas (Gal.2, Gal.3, Gal.4, Gal.5 e Gal.7) foram apenas recolhidos alguns objectos - uma média de meia dúzia de artefactos por galeria - aparentemente seleccionados, já que não se encontram nem fragmentos incaracterísticos de cerâmica, nem restos osteológicos humanos ou faunísticos; as peças exumadas resumem-se, com efeito, a alguns machados e enxós em pedra polida, furadores em osso, e alguns adornos. As hipóteses de localização destas diferentes galerias serão discutidas adiante.

	Talhões					
<b>Gal. 2</b>	1	2	3	8		
<b>Gal. 3</b>	2	4	5			
<b>Gal. 4</b>	1	2	3	4	5	6
<b>Gal. 5</b>	2	3	4	5	6	7
<b>Gal. 7</b>	1	2	11			

Apesar das referências bibliográficas (Santos 1985) indicarem 1971 como o último ano de intervenção na necrópole, não foi possível reunir qualquer documentação que o comprovasse. Com efeito, nos materiais conservados no Museu Nacional de Arqueologia, Museu de Montemor-o-Novo, e Museu de Évora, não constam referências posteriores a 1968. Isto não exclui a possibilidade de se terem realizado trabalhos de campo posteriores, estando o respectivo espólio depositado em locais de que não tivemos conhecimento nem acesso.

Após quase uma década de aparente interrupção, foi em 1977 que se formou um grupo de trabalho, do qual faziam parte, para além de M. Farinha dos Santos, Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro, com o objectivo de dar

continuidade ao estudo da arte rupestre do Escoural. Resultando já deste trabalho de equipa, novas gravuras foram identificadas no interior da gruta e proposta uma nova cronologia, mais alargada, para o conjunto da arte parietal do Escoural, que seria divulgada em 1980 (Santos *et al.* 1980).

Este trabalho representa a síntese mais completa publicada até hoje sobre a arte rupestre do Escoural. Para além da descrição de todo o processo de descoberta e identificação dos sucessivos conjuntos de pinturas e gravuras rupestres, apresenta o quadro das sucessivas hipóteses de atribuição cronológico-cultural das mesmas. Partindo da descrição e análise técnica e temática dos principais motivos, é sobretudo no âmbito da gravura que se reconhecem variantes, quer na técnica de gravação quer nos próprios temas representados: um conjunto de temática animalista, caracterizado por representações de herbívoros (boi, cavalo e a cabra), e outro, mais frequente, de temática não figurativa ou esquemática. Quanto à cronologia, são propostos dois momentos distintos: um, mais antigo, em que se incluem as grandes cabeças de bovídeos, é atribuído ao estilo II de Leroi-Gourhan, datável do Gravettense ou Solutrense antigo; o outro, "de figuras animalistas de pequenas dimensões, acompanhadas de uma grande profusão de signos e figuras abstractas sobrepostas", é atribuída ao estilo III de Leroi-Gourhan, ou seja ao Solutrense ou Magdalenense.

Mais recentemente foi avançada a possibilidade de uma cronologia mais alargada para alguns dos motivos que "parecem abarcar um período mais vasto do Paleolítico Superior, existindo até painéis que julgamos tardios" (Santos 1985).

Em 1979, esta equipa descobre novas gravuras no topo do afloramento rochoso da gruta, classificando então aquele espaço como um "Santuário" rupestre datado do Neolítico Final, a que se sobrepôs, posteriormente, um povoado fortificado calcolítico. A sua escavação teve início a partir de 1981, donde resultou a descoberta de vestígios de habitações protegidas por uma muralha de pedra seca, associadas a diverso espólio cerâmico (fragmentos de crescentes, vasos e taças de bordo almendrado) e lítico (pontas de seta, lâminas, percutores, fragmentos de machados e enxós de pedra polida). As escavações deste povoado, interrompidas desde 1983, foram recentemente retomadas por M.F. dos Santos e M.V. Gomes (1993).

## 2.2. Localização das áreas intervencionadas

Para além dos problemas de correspondência entre os talhões da Sala A escavados em 1963 e 1964, e já anteriormente referenciados, existem outros, nomeadamente no que diz respeito às numerações atribuídas às diferentes galerias durante os anos em que foram realizados trabalhos arqueológicos nesta gruta. Com efeito, as galerias 1, 2 e 3, cujas plantas com a implantação dos materiais de superfície foram realizadas em 1963, sofreram alterações de numeração, tal como se pode verificar quando comparadas com a planta publicada em 1980, num artigo assinado por Farinha dos Santos, Varela Gomes e Pinho Monteiro.

Galeria 1 - 1963 = Galeria 6 - 1980

Galeria 2 - 1963 = Galeria 8 - 1980

Galeria 3 - 1963 = Galeria 7 - 1980

Por outro lado, num artigo de 1967 (Santos 1967) apresentam-se as plantas das galerias 2 e 3 que correspondem respectivamente às galerias 1 e 2 de 1980. Não sendo possível controlar, com base nas informações actualmente disponíveis, o ano (ou anos) em que se procedeu a esta renumeração, não se poderão associar

entre si alguns dos materiais exumados em diferentes campanhas de escavação. No entanto, foi mesmo assim possível conhecer a localização, no interior da cavidade, de muitas das galerias e salas sondadas ao longo destes anos, sobretudo através da análise atenta das etiquetas, dos respectivos materiais, da leitura dos cortes que permanecem ainda hoje na cavidade como testemunhos, e de algumas referências bibliográficas.

Como já dissemos no ponto anterior, a Galeria 1 escavada em 1965 e 1966 corresponde, seguramente, à Galeria 1 da planta de 1992 (Fig.11) pelas seguintes razões:

— é a galeria que forneceu maior número de materiais. Este facto é compatível com a presença, neste sector, de um potente corte estratigráfico com cerca de 3 metros de espessura, o que comprova terem sido daí removidos bastantes metros cúbicos de sedimento. Segundo as etiquetas, as escavações realizadas na galeria 1 em 1966 atingiram as seguintes profundidades:

- Talhão 9 - 2,90 metros
- Talhão 10 - 3 metros
- Talhão 11 - 3,10 metros
- Talhão 12 - 2,80 metros

— nas restantes galerias é com efeito impossível terem sido realizadas escavações até cotas tão profundas, já que a espessura dos depósitos era muito inferior, tal como se pode depreender da diferença na coloração das paredes destas galerias, que permite visualizar a cota a que se encontrava o preenchimento antes da sua escavação. Sendo a potência estratigráfica bastante inferior nestes sectores, não nos restam outras possibilidades senão admitir como certa a correspondência entre a Galeria 1 de 1965/1966 e a Galeria 1 de 1992.

Em relação às galerias de 1968, a sua localização exacta no interior da cavidade continua a ser problemática. O escasso número de peças aí recolhido faz-nos colocar a hipótese da sua associação ou a uma das galerias já anteriormente escavadas que pudessem conter ainda alguns restos de sedimento, ou a galerias com fraca potência sedimentar, como é o caso da Galeria 2 (planta de 1992) que apresentava apenas sedimentos junto à parede sul (cerca de 15 cm em média de potência estratigráfica), ou das galerias 4, 8 ou 9 (planta de 1992). No entanto, a permanência destas dúvidas não influencia, de uma forma significativa, o modelo de distribuição espacial do espólio arqueológico recuperado nesta jazida.

As salas CI e CII, escavadas em 1966, apresentam um espólio muito semelhante ao exumado nas escavações por nós realizadas entre 1989 e 1992 na Galeria 18 (sondagem 3) e mesmo ao espólio recolhido no exterior da gruta (sondagem 4) (Fig.11). Com efeito, estão igualmente presentes materiais talhados em quartzo, alguma indústria lítica em sílex e muita fauna (ovicapríneos nos níveis superiores, cavalo, hiena e alguns grandes carnívoros nos níveis inferiores da sequência estratigráfica). Num artigo de 1985, Farinha dos Santos refere a existência de uma indústria de características "leptolíticas", junto à "entrada primitiva da gruta", onde se situam precisamente as galerias 15 e 18, e onde pensamos que se situariam igualmente as salas CI e CII. Outro aspecto a ter em

conta é o facto dos materiais não apresentarem aqui quaisquer vestígios de calcite, ao contrário dos exumados nas galerias situadas junto à entrada actual da gruta. No seguimento destes argumentos, pensamos ser correcta a localização das salas CI e CII nas galerias 15 e 18 da planta de 1992.

A Sala BI forneceu um espólio muito semelhante ao das galerias situadas junto à actual entrada da gruta. Para além do facto de muito deste material apresentar vestígios de calcite agarrado às superfícies, ele está provavelmente associado a um enterramento com características diferentes (ver Parte IV, Capítulo 2). A identificação da Sala BI com a Sala 3 da planta de 1992 foi posteriormente confirmada através de referências bibliográficas (Gomes *et al.* 1990).

Em 1965, as escavações incidiram, tal como já referimos, nos talhões localizados no exterior da cavidade. As etiquetas cujos códigos apresentam estas indicações são acompanhadas frequentemente pela informação "junto à entrada primitiva da gruta". O espólio é composto sobretudo por cerâmicas idênticas às do povoado que se encontra situado no topo do outeiro onde se abre a cavidade (fragmentos de taças de bordo almeдрado, crescentes ou pesos de tear), associados a outros materiais mais antigos (cerâmicas impressas), e mesmo a quartzos talhados do Paleolítico Médio. As escavações neste sector prosseguiram em 1966 com a abertura dos talhões designados pela associação de uma letra com um número (1a, 1b, 1c, etc.). Os trabalhos realizados entre 1990 e 1992 neste local, aproveitando um corte deixado pelos antigos trabalhos de escavação, revelaram igualmente um preenchimento constituído por uma mistura de materiais de diferentes períodos. Este facto poderá estar relacionado com fenómenos de abatimento das paredes de uma antiga galeria localizada neste sector, e que daria acesso ao exterior, alguns metros à frente desta segunda entrada, provocando distúrbios e remeximentos dos depósitos arqueológicos.

Interessa por fim referir que se encontram ainda na cavidade algumas galerias e sectores por escavar.

Apresenta-se de seguida uma tabela de correspondências entre as numerações atribuídas às diferentes galerias nos antigos trabalhos arqueológicos da responsabilidade de M. Farinha dos Santos e as da nossa planta de 1992 (Fig. 11).

Para evitar confusões e sobretudo imprecisões na análise, a partir de agora **remeteremos todas as localizações exclusivamente para a planta de 1992 (Fig. 11)**. A diferenciação das galerias far-se-á, do mesmo modo, segundo a numeração aí apresentada.

1963	1964	1965	1966	1968	1992
Sala A	Sala A				Sala 1
Gal. 1					Gal. 6
Gal. 2					Gal. 11
Gal. 3					Gal. 7
		Gal. 1	Gal. 1		Gal. 1
			Sala C I e II		G. 15 e 18 (sala 2)
			Sala B I		Sala 3
		T.1/65 e T. 2/65	1a, 1b, 1c, 2a, 2b, 2c, 3, 3a, 3c, 4a		Exterior
				Gal. 2	Gal. 8 (?)
				Gal. 3	?
				Gal. 4	?
				Gal. 5	Gal. 9 (?)
				Gal. 7	?

### II.1.c. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DAS OCUPAÇÕES NO INTERIOR DA CAVIDADE

Ao fazer um balanço dos trabalhos desenvolvidos no Escoural, M. F. dos Santos (1985) apresenta uma sequência das ocupações humanas identificadas e escavadas no interior da cavidade. Estes trabalhos permitiram-lhe esboçar um modelo sumário da forma como os vestígios arqueológicos produzidos em épocas diferentes se encontravam espacialmente estruturados. Apesar de não se ter debruçado explicitamente sobre este problema, é possível concluir, da sua análise, que o interior da gruta se poderia dividir em duas áreas distintas consoante o tipo de vestígios arqueológicos presentes:

— no sector norte da rede cársica, encontravam-se os vestígios da necrópole neolítica que coincidia basicamente com o espaço ocupado pelo santuário rupestre paleolítico; para além das gravuras e pinturas parietais, os únicos vestígios considerados pelo responsável como seguramente contemporâneos do santuário, dois fragmentos de “folhas solutrenses”, foram recolhidos igualmente nesta zona da gruta;

— as galerias localizadas junto à “entrada natural não são decoradas nem possuem espólio funerário”; por outro lado, “num corredor junto da entrada natural há um enchimento que, em sondagens, deu lamelas de sílex e outras peças leptolíticas” (Santos 1985).

Assim, ter-se-ia uma “zona mais recôndita que serviu de santuário no Paleolítico Superior e de necrópole no Neolítico e aquela que foi utilizada como ponto de passagem e prolonga, esparsamente, o nível de habitação junto à entrada primitiva” (Santos 1971).

O estudo realizado a partir do espólio recolhido nos antigos trabalhos de escavação e os resultados obtidos através de novas sondagens em diferentes locais da cavidade permitiram testar estas afirmações. Com efeito, as deposições funerárias neolíticas encontram-se localizadas sobretudo na Sala 1 e nas galerias que com ela comunicam. Um contexto arqueológico do Neolítico Antigo, representado por alguns fragmentos de cerâmica cardial, foi igualmente identificado neste sector da cavidade. Este mesmo espaço tinha sido já anteriormente aproveitado por grupos de caçadores paleolíticos para aí realizarem manifestações artísticas. Os materiais paleolíticos, mais concretamente do Paleolítico Superior, encontram-se igualmente na zona correspondente à área ocupada pela necrópole e pelo santuário rupestre. No entanto, a exiguidade da amostra, e sobretudo as imprecisões nos registos de escavação a partir de 1964, não permitem avaliar com segurança o tipo, natureza e estruturação desta ocupação.

Na sondagem realizada entre 1989 e 1992 na Galeria 18 (sondagem 3), foi posta a descoberto uma sequência plistocénica com restos faunísticos abundantes associados a artefactos líticos talhados quase exclusivamente em quartzo. O estudo tecnológico e tipológico já realizado, e as datações entretanto obtidas, permitem situar cronologicamente esta ocupação no Paleolítico Médio. Os materiais exumados nos níveis superiores desta sequência, no decurso dos antigos trabalhos arqueológicos conduzidos por M. F. dos Santos (salas C I/II), são constituídos por fragmentos de cerâmica (entre os quais se conta um exemplar decorado com impressões), ossos humanos e fauna doméstica. Nos talhões 14 e 15, que foram nessa altura escavados praticamente até à rocha-base, a sequência posta em evidência apresenta paralelos inequívocos com os níveis sondados entre 1989 e 1992 (Sondagem 3), e caracteriza-se, igualmente, pela presença de níveis de ocupação plistocénicos com materiais líticos talhados em quartzo e fauna.

Os espólios presentes nas galerias 15 e 18 não se encontram arqueologicamente *in situ*. Estes vestígios foram produzidos no exterior, onde as ocupações teriam tido originalmente lugar, e posteriormente redepositados no interior da cavidade. Esta terá funcionado assim como “armadilha” natural onde ficaram preservados sedimentos, faunas e artefactos que aqui se concentraram, ao longo dos tempos, sobretudo pela acção da gravidade, por entre as diversas aberturas e chaminés existentes neste sector da gruta.

Para além das ocupações identificadas no interior da cavidade, foram escavados depósitos arqueológicos no exterior, junto à antiga entrada virada a SE. Esta foi posta a descoberto a partir do exterior, em consequência da remoção dos sedimentos que a obstruíam, feita no decurso dos trabalhos arqueológicos que aqui tiveram lugar em 1965 e 1966, na altura em que foi escavada a sepultura de que falámos anteriormente, cuja atribuição cronológica está ainda por esclarecer, mas que poderá estar muito provavelmente relacionada com uma ocupação calcolítica. Para além deste contexto funerário, encontram-se depositados no MNA inúmeros materiais faunísticos, líticos e cerâmicos provenientes desta zona exterior da gruta, similares aos recolhidos no povoado fortificado calcolítico situado por cima

do outeiro onde se abre a cavidade. Os depósitos aqui presentes resultam da acumulação de materiais e sedimentos que escorreram ao longo dos anos do povoado e que se depositaram na plataforma onde se encontra localizada a entrada SE da gruta. Posteriormente, deu-se um fenómeno de transporte de parte deste material para o interior da cavidade (galerias 15 e 18).

Os níveis subjacentes a estes depósitos foram recentemente escavados, entre 1990 e 1992, ao abrigo do novo projecto, aproveitando precisamente um dos cortes abertos pelos antigos trabalhos de escavação que aqui tiveram lugar. Apesar da estratigrafia se revelar problemática, com revolvimentos consideráveis nos depósitos arqueológicos resultantes de fenómenos relacionados com a queda de grandes blocos de abatimento, a sequência é sobretudo caracterizada pela presença de níveis de ocupação do Paleolítico Médio, tal como se verifica nas galerias 15 e 18. Uma ocupação do Neolítico Antigo, evidenciada pela presença de cerâmicas impressas e alguns artefactos eventualmente com elas relacionados, poderá igualmente ter tido lugar nesta zona do exterior (ver Parte III, Cap. 2).

A Fig. 6 mostra, de uma forma muito esquemática, a distribuição espacial das diferentes ocupações representadas no interior da cavidade:

— a zona constituída pela Sala 1 e galerias imediatamente adjacentes foi procurada por populações do Paleolítico Superior. Durante o Neolítico, este amplo espaço foi igualmente utilizado, desta vez como necrópole funerária.

— a zona onde se situam as galerias 15 e 18 encontra-se directamente relacionada com a abertura natural virada a SE, onde, ainda que em deposição secundária, se concentram sobretudo vestígios do Paleolítico Médio e, muito esparsamente, do Neolítico Antigo Evoluído.

— já no exterior, por entre os grandes blocos de abatimento que caracterizam o preenchimento neste sector, identificaram-se restos destas mesmas ocupações (Paleolítico Médio e Neolítico Antigo Evoluído), associadas a materiais mais recentes, de cronologia calcolítica, provenientes do povoado sobranceiro já referido.

## II.1.d. ESTRATIGRAFIAS OBSERVADAS E SUA CRÍTICA

### Sala 1

A partir da análise da documentação produzida em 1963 e 1964, é possível tecer algumas considerações sobre a estratigrafia encontrada na Sala 1 (Fig. 7). Desta documentação faz parte um conjunto de perfis estratigráficos associados a algumas observações de carácter sedimentológico. Foram deste modo definidas três camadas distintas, com espessuras variáveis consoante a maior ou menor potência estratigráfica das áreas sondadas. A sequência pode ser descrita da seguinte forma:

**Superfície** placa estalagmítica;

**1ª camada** “terra preta”, varia entre os 10 e 20 cm, com bolsas de cinzas a que o responsável pelos trabalhos chama “cinzeiros”;

**2ª camada** “terra amarelada”, de maior potência sedimentar, entre 30 a 60 cm, atingindo no entanto na secção **d** os 2,50 metros;

**3ª camada** “terra amarela clara”, por vezes denominada de “piçarreira”, que assenta sobre a “rocha natural”. Esta aflora a diferentes profundidades, conforme se pode depreender do seguinte quadro (profundidades tiradas no meio das secções):

	SECÇÕES						
	a	b	c	d	e	f	g
<b>Perfil E</b>	80cm	90cm	130cm	35cm	90cm	50cm	230cm
<b>Perfil W</b>	80cm	50cm	*	40cm	60cm	80cm	250cm

\* - Na secção c, a rocha aflora à superfície.

No perfil reproduzido na Fig. 7 não se encontra representada a placa estalagmítica superficial. As profundidades atingidas em cada uma das secções foram obtidas a partir de um ponto 0 cotado no interior da gruta, que estaria sensivelmente 50 cm acima da placa estalagmítica superficial.

São referidas, por vezes, lentículas de “terra esbranquiçada” na transição da 2ª para a 3ª camada, e fragmentos de placa estalagmítica no topo da 3ª camada.

A Sala 1 não foi contudo totalmente escavada. Como se pode verificar ainda no local, em muitos dos quadrados (“secções”), apenas foi retirada a placa estalagmítica superficial, e as 1ª e 2ª camadas. Os perfis E e W anteriormente referidos, correspondem a uma fileira de quadrados (“secções” a a g) dispostos segundo um eixo de orientação Norte-Sul, localizado próximo da parede W da referida sala .

Sob o ponto de vista arqueológico, os materiais neolíticos encontram-se quase exclusivamente associados à placa estalagmítica superficial e à 1ª camada (a segunda é arqueologicamente bastante mais pobre). A 3ª camada é praticamente estéril, pelo menos a avaliar pelos materiais aqui exumados, constituídos apenas por fauna (sobretudo ossos de coelho), e corresponde a um preenchimento plistocénico. No entanto, importa lembrar que esta camada apenas foi escavada nos quadrados localizados junto à parede W da gruta, permanecendo ainda intacta nos restantes sectores da Sala 1.

### Galerias 6, 7 e 11

Apesar de não existir qualquer documentação sobre a estratigrafia detectada, é possível verificar, da observação feita no local, que as galerias 6 e 11 continham uma potência sedimentar bastante reduzida, por vezes com o chão rochoso a aflorar. Os materiais arqueológicos aqui exumados foram organizados em grupos, como anteriormente referimos, e encontravam-se embalados na placa estalagmítica superficial. Os sedimentos subjacentes, praticamente estéreis, estão contidos em bolsas ou entre as fissuras resultantes do afunilamento das paredes. Estas duas galerias foram completamente esvaziadas. Na Galeria 7, no entanto, apenas foi retirada a placa estalagmítica superficial. A estratigrafia não deve, contudo, afastar-se significativamente da observada nas galerias 6 e 11.

### Galeria 1

A Galeria 1 apresenta ainda conservado um corte estratigráfico com cerca de três metros de profundidade sobre o qual se podem tecer algumas observações. Foram aqui diferenciadas, por M. F. dos Santos, 4 camadas com espessuras variáveis. Na transição da 2<sup>a</sup> para a 3<sup>a</sup> camada, e a cerca de 50 cm abaixo da placa estalagmítica superficial, é visível uma segunda placa. Sob o ponto de vista arqueológico, o espólio neolítico exumado, em 1965 e 1966, encontra-se associado aos primeiros níveis do preenchimento, até ao nível 80-90 cm. Mas ao contrário do que se verifica na Sala 1 e nas galerias 6, 7 e 11, os vestígios da necrópole neolítica aqui presentes parecem ter sido para aí transportados pela acção da gravidade e pelas águas de circulação a partir da Sala 1, dado o declive existente entre estes sectores. Os materiais são essencialmente constituídos por fragmentos cerâmicos e restos anatómicos humanos aparentemente em posição secundária e distribuídos por vários níveis da sequência. Este facto não exclui, no entanto, a hipótese de esta galeria ter sido deliberadamente aproveitada para fins funerários.

Os depósitos inferiores contêm sobretudo restos de fauna e alguma indústria lítica de idade plistocénica, mas de atribuição cultural por enquanto imprecisa. Recentemente, foram publicados dois artefactos recolhidos nesta mesma galeria atribuídos ao Paleolítico Superior (Gomes *et al.* 1990): um fragmento de uma ponta solutrense recolhido no divertículo 1 vagamente posicionada por aqueles autores “sob estrato neolítico”, e uma falange de *Cervus elaphus* perfurada — cuja interpretação como artefacto nos levanta bastantes dúvidas — exumada em 1966 no nível 230-240 cm do Talhão 10. No entanto, em relação à primeira das peças, a ponta solutrense, detectámos uma referência no inventário realizado pela equipa de M. F. dos Santos dando-a como proveniente do Talhão 9 da Galeria 1, nível 190-200 cm. Um fragmento de zagaia paleolítica, atribuída ao Magdalenense, foi igualmente publicada no mesmo artigo como proveniente da Galeria 2 que, como veremos adiante, apresentava uma potência estratigráfica mínima. Contudo, o número de inventário atribuído a este artefacto associa-o também à Galeria 1, Talhão 10, nível 230-240 cm, mostrando como a publicação isolada e pouco controlada deste tipo de artefactos pode induzir em erros que em nada contribuem para o avanço do conhecimento do sítio. No âmbito do nosso trabalho de inventário reconhecemos ainda um outro artefacto proveniente igualmente desta galeria referenciado ao nível 190-200 cm. Esta peça, uma lamela “Dufour” recentemente estudada por João Zilhão, em conjunto com

outras peças de tipologia idêntica, exumadas igualmente na cavidade, tem paralelos em contextos do Aurignacense (Zilhão, em preparação).

Todos estes vestígios materiais encontram-se compreendidos entre os 100 e os 200 cm de profundidade, níveis em que a cerâmica e os restos antropológicos deixam praticamente de estar presentes e são substituídos por fauna plistocénica e alguns artefactos em sílex insuficientemente característicos para uma atribuição cronológico-cultural precisa. Estes materiais estão certamente associados a uma ocupação do Paleolítico Superior dada a presença dos artefactos acima referidos. A avaliar pelo que foi dito atrás, teríamos, e apenas com base nas peças sobre as quais foi possível diagnosticar uma atribuição cultural, três momentos de ocupação distintos dentro do Paleolítico Superior: Aurignacense, Solutrense e Magdalenense. Mesmo que se venha proventura a concluir a correcta associação destas peças a estes três tecnocomplexos, pouco mais se poderá vir a dizer sobre o tipo e natureza destas ocupações paleolíticas no interior da cavidade, e das eventuais relações com a arte rupestre. Para além dos problemas de inventário, só no próprio momento da escavação se poderiam ter isolado correctamente os níveis de ocupação que embalavam estes materiais e controlado todo o tipo de modificações de natureza pós-deposicional, em particular as que resultam da acção dos pequenos carnívoros. Constata-se que, sem excepção, todas as peças foram reconhecidas já em gabinete, e bastantes anos após a conclusão dos trabalhos arqueológicos que aqui tiveram lugar. Com efeito, dadas as limitações no registo arqueológico, apenas pudemos basear as nossas interpretações nos materiais arqueológicos e nas informações de proveniência espacial e estratigráfica que os acompanhavam. A comprovar esta mesma situação, refira-se que a partir dessas indicações, a zagaia classificada tipologicamente como Magdalenense proviria, estranhamente, de uma cota bastante inferior às da ponta Solutrense, da lamela "Dufour" e dos restantes artefactos em sílex. Não sendo esta peça suficientemente característica do ponto de vista tipológico, parece mais lógico considerá-la como Aurignacense ou Solutrense.

A partir dos dois metros de profundidade, os vestígios arqueológicos são constituídos por fauna muito fossilizada (sobretudo coprólitos de hiena) e por alguns artefactos líticos talhados exclusivamente em quartzo, mas quantitativamente pouco representativos. O sedimento que se encontra agarrado à superfície destes materiais apresenta uma coloração muito amarelada, tal como acontece nos níveis inferiores da sequência escavada na Galeria 18 (sondagem 3) entre 1990-1992, que foi atribuída ao Paleolítico Médio. A forte inclinação do chão desta galeria fez com que os primeiros sedimentos que entraram para o interior da cavidade se tenham vindo aqui acumular, pela acção da gravidade e pelas águas, transportando ao mesmo tempo materiais relacionados com a ocupação atribuída do Paleolítico Médio que teve lugar no exterior da cavidade, próximo da entrada SE da gruta.

A Fig. 8 é uma representação esquemática da estratigrafia da Galeria 1, elaborada apenas a partir da análise das etiquetas e materiais aqui recuperados em 1965 e 1966.

## Galeria 2

Tal como acontecia nas galerias 6 e 11, a Galeria 2 apresentava sedimentos apenas junto à parede Sul, cerca de 15 cm em média, na época da escavação. Segundo o guarda da gruta, que acompanhou os trabalhos desde o início, tanto nesta galeria como no divertículo que dá acesso à Galeria 11, apenas se encontrou um número reduzido de peças, alguns machados polidos salienta, devido ao facto de não existirem praticamente sedimentos neste sector. Deste modo, a estratigrafia resumia-se praticamente à camada superficial de calcite que embalava materiais associados ao contexto sepulcral neolítico.

## Galeria 3 e Sala 3

Em relação à Galeria 3, cujo chão inclina bruscamente na vertical (Fig. 9), não é de excluir a hipótese de parte, ou mesmo a totalidade, dos materiais arqueológicos aqui recolhidos terem sido igualmente arrastados, dado o forte desnível existente. Por outro lado, as observações por nós realizadas neste sector demonstram que a utilização desta galeria para fins funerários seria pouco exequível, já que em época neolítica o seu preenchimento atingia praticamente o respectivo tecto. Os materiais associados à necrópole resumem-se a fragmentos cerâmicos e antropológicos, depositados por arrastamento.

Na Sala 3, que corresponde a uma zona muito recôndita, de acesso difícil e situada a cota que é das mais profundas da cavidade, foi identificado um contexto sepulcral que se encontrava a níveis mais profundos do preenchimento, contrariamente ao que se verificava nos restantes sectores da cavidade. Este facto poderá estar relacionado ou com um tipo de estrutura funerária diferente, como se verá adiante (ver Parte IV, Cap. 2), ou com um processo específico, de natureza pós-deposicional, relacionado com a dinâmica de sedimentação nesta zona da cavidade. Com efeito, a partir da observação dos materiais aqui recolhidos, verifica-se que não existe uma estratigrafia propriamente dita, mas sim um preenchimento resultante sobretudo da acumulação de sedimentos e materiais transportados muito provavelmente a partir das galerias 3 e 11 e da Sala 1. Apesar dos materiais relacionados com a necrópole neolítica se encontrarem um pouco dispersos ao longo da sequência, a partir de uma determinada cota apenas se encontra registada alguma fauna, sobretudo ossos de coelho pouco fossilizados. Em função deste contexto, a atribuição cronológica e cultural ao Magdalenense de uma segunda zagaia aqui recolhida e sem dúvida em posição secundária (Gomes *et. al* 1990) (no Talhão 7, nível 60-70 cm) só pode fundamentar-se em critérios tipológicos.

## Galerias 15 e 18

Relativamente ao sector SE da gruta (galerias 15 e 18), que corresponde como já referimos a uma zona arqueológica bem diferenciada, as escavações realizadas por M.F.Santos em 1965 e 66 (talhões 12, 13, 14 e 15), complementadas pelas recentes sondagens que aqui efectuámos, permitem-nos avançar a descrição da respectiva estratigrafia que se apresentará de seguida.

Em primeiro lugar, há a destacar a pouca abundância de cerâmica — fragmentos incaracterísticos não decorados, à excepção de um bordo com decoração “penteada” e de um fragmento com decoração “impressa” (ver Parte III, Cap. 2) — nos níveis superiores da sequência, aproximadamente até aos 80 cm. Sensivelmente a partir de 1 m de profundidade, o sedimento que concreciona a superfície do espólio recolhido apresenta uma coloração amarelada facto que se observa com maior nitidez nos materiais provenientes das cotas inferiores a 2 m (talhões 14 e 15, onde a escavação de M.F.Santos atingiu a profundidade de 2,5 m). Acompanhando esta alteração sedimentológica verifica-se, por outro lado, o aparecimento de quartzos talhados, especialmente numerosos nos talhões 14 e 15, e de abundante fauna muito fossilizada (cavalo e hiena). Correspondendo a um eventual nível de transição entre os estratos superiores com cerâmica e os inferiores onde predominam os artefactos em quartzo, assinala-se a presença de alguns artefactos talhados em sílex (lascas incaracterísticas). De notar que M.F.Santos refere o aparecimento nesta zona da gruta de uma indústria de características “leptolíticas” que não enquadra estratigraficamente mas que poderia estar relacionada com estes artefactos (Santos 1985).

A interpretação desta sequência foi facilitada pelos resultados obtidos na Sondagem 3 que efectuámos entre 1989 e 1992 na Galeria 18 (Fig. 10), partindo do alargamento de um dos cortes ali deixado como testemunho, o qual infelizmente não conservava já os primeiros níveis da sequência original. Pudémos aqui observar uma sucessão de níveis sem cerâmica e com uma abundante indústria sobre quartzo comprovadamente do Paleolítico Médio. O aparecimento de uma lamela em sílex no início desta sondagem, associada ainda a um sedimento de cor castanha, poderá indiciar que na área por nós sondada se conservava na íntegra a sequência do Paleolítico Médio, caracterizada por um sedimento amarelado e pela presença de fauna muito fossilizada (cavalo e hiena em particular).

Os dados disponíveis sugerem que na zona SE da cavidade estaremos perante os vestígios mais antigos do Escoural. Por outro lado, parece haver nesta zona uma pouco documentada ocupação do Paleolítico Superior (?). Finalmente, o preenchimento é rematado por sedimentos holocénicos contendo espólio cerâmico incaracterístico, relacionável com ocupações de diferentes épocas que terão tido também lugar no exterior da cavidade.

Apesar do estudo da ocupação do Paleolítico Médio se encontrar ainda em curso (embora se preveja para breve a sua publicação) é possível avançar com alguns dados sobre a estratigrafia detectada no decurso da sondagem realizada entre 1989 e 1992 na Galeria 18 (Sondagem 3). Como se pode verificar pela Fig. 10, foram definidas 5 camadas distintas. É possível constatar que, sem excepção, estas mudanças de camada, estabelecidas no momento da escavação tendo apenas em conta critérios de natureza sedimentológica (coloração, textura, etc.) são acompanhadas por um aumento considerável (quer em termos da quantidade, quer em termos de peso) de artefactos. Como já foi referido anteriormente, as ocupações que produziram estes vestígios tiveram lugar no exterior da cavidade, mas estas últimas foram posteriormente redepósitos, sobretudo pela acção da gravidade, para o interior. Os picos que se observam na Fig. 10 mostram que, apesar de se encontrarem em posição secundária, os vestígios relacionados com estas ocupações foram arrastados para o interior da cavidade obedecendo a uma

certa "ordem". Os sedimentos, artefactos e faunas exumados em cada nível da sequência são, aparentemente, contemporâneos.

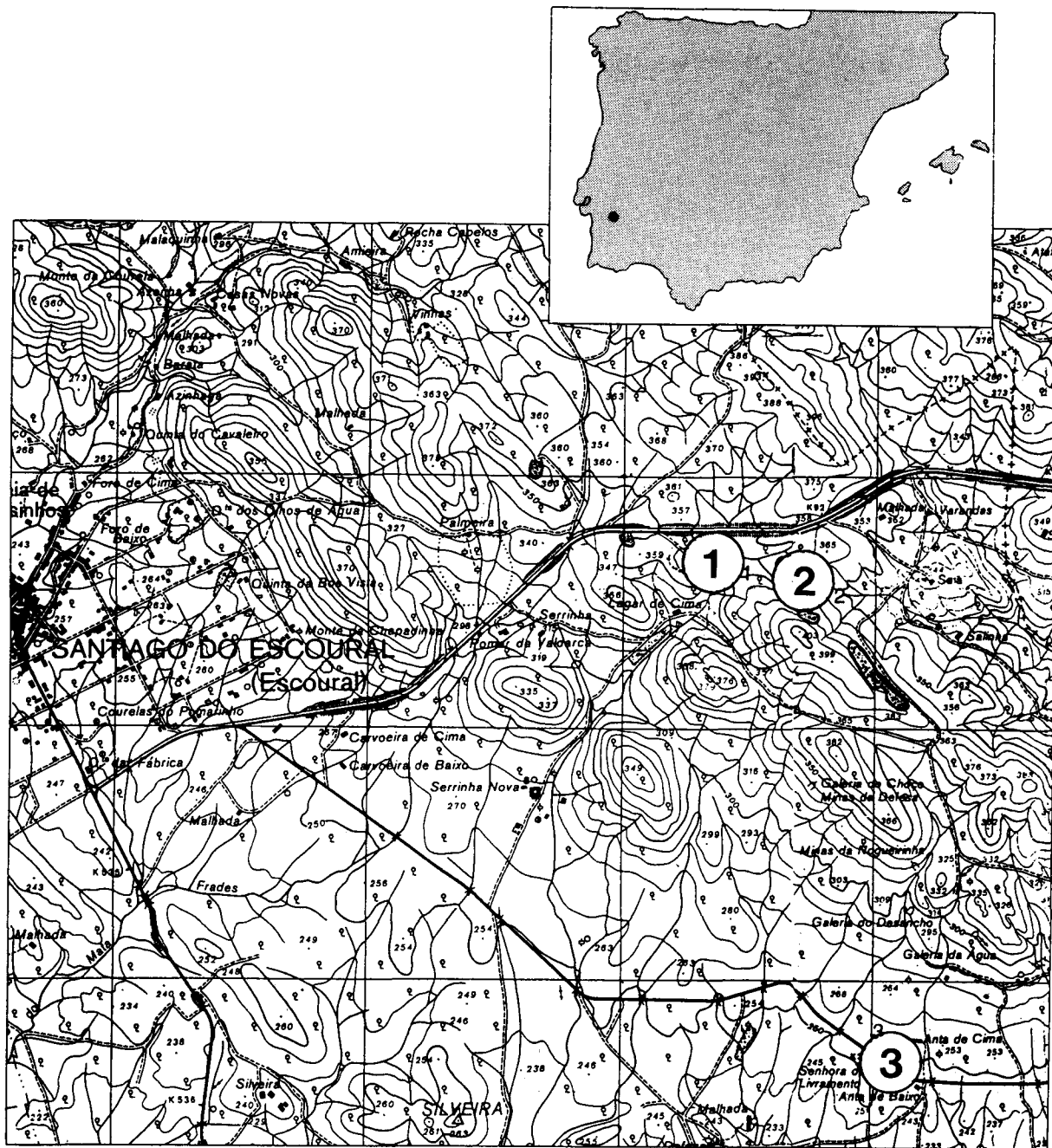


Fig. 1 - Localização da Gruta do Escoural (1), Tholos do Escoural (2) e Anta Capela de São Brissos (3) na Carta Militar de Portugal à esc. 1:25 000 (Folhas 458 e 459).



Fig. 2 - Fotografia da Gruta (exterior).

Nota: Pode-se observar a "cratera" aberta pela pedreira e que levou à descoberta da gruta. O povoado fortificado calcolítico, que se sobrepõe a um "santuário" rupestre do Neolítico Final, situa-se no topo do outeiro onde se abre a cavidade.

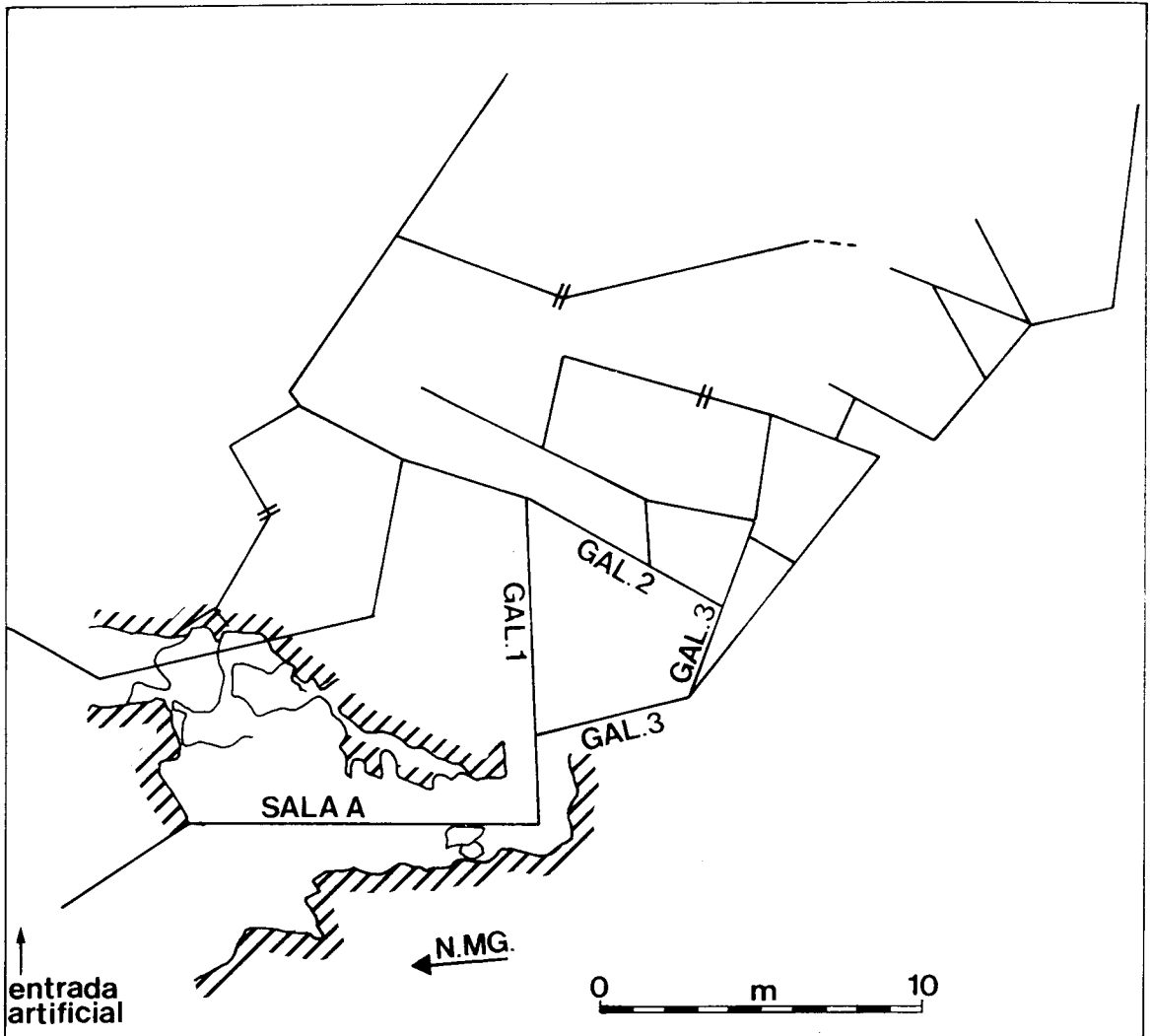


Fig. 3 - Reprodução de um original de 1963 — Planta da Sala A e implantação das galerias segundo as linhas de eixo.

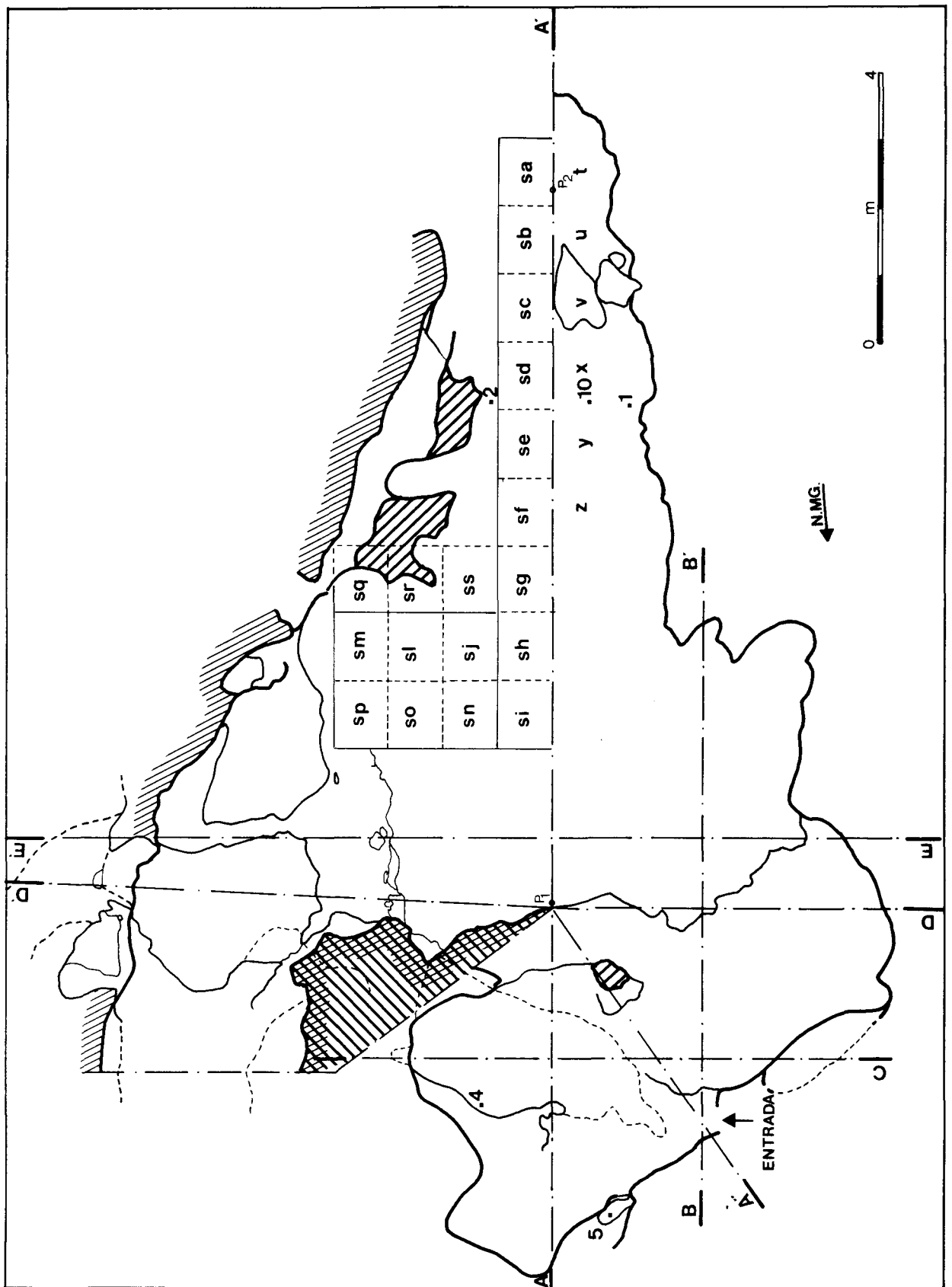


Fig. 5 - Reprodução de um original de 1963 — Planta da Sala A (Sala 1 da planta de 1992, Fig. 11) onde se encontram implantadas as "Secções".

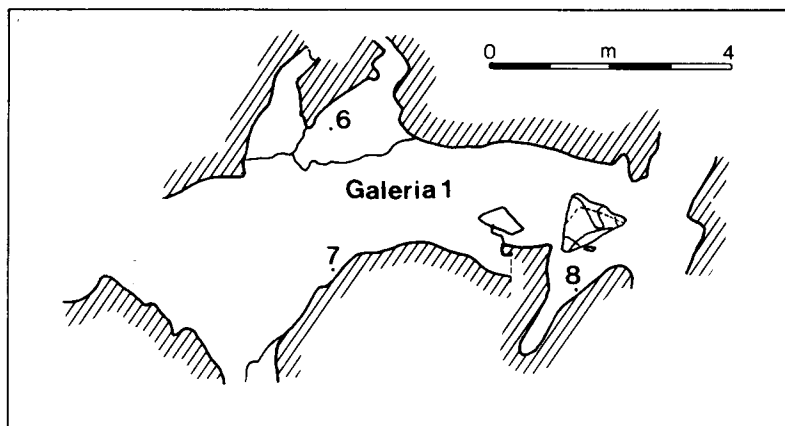


Fig. 4 - Reprodução de um original de 1963 — Planta da Galeria 1 com a localização dos "Grupos" 6, 7 e 8 (Galeria 6 da Planta de 1992 - Fig. 11).

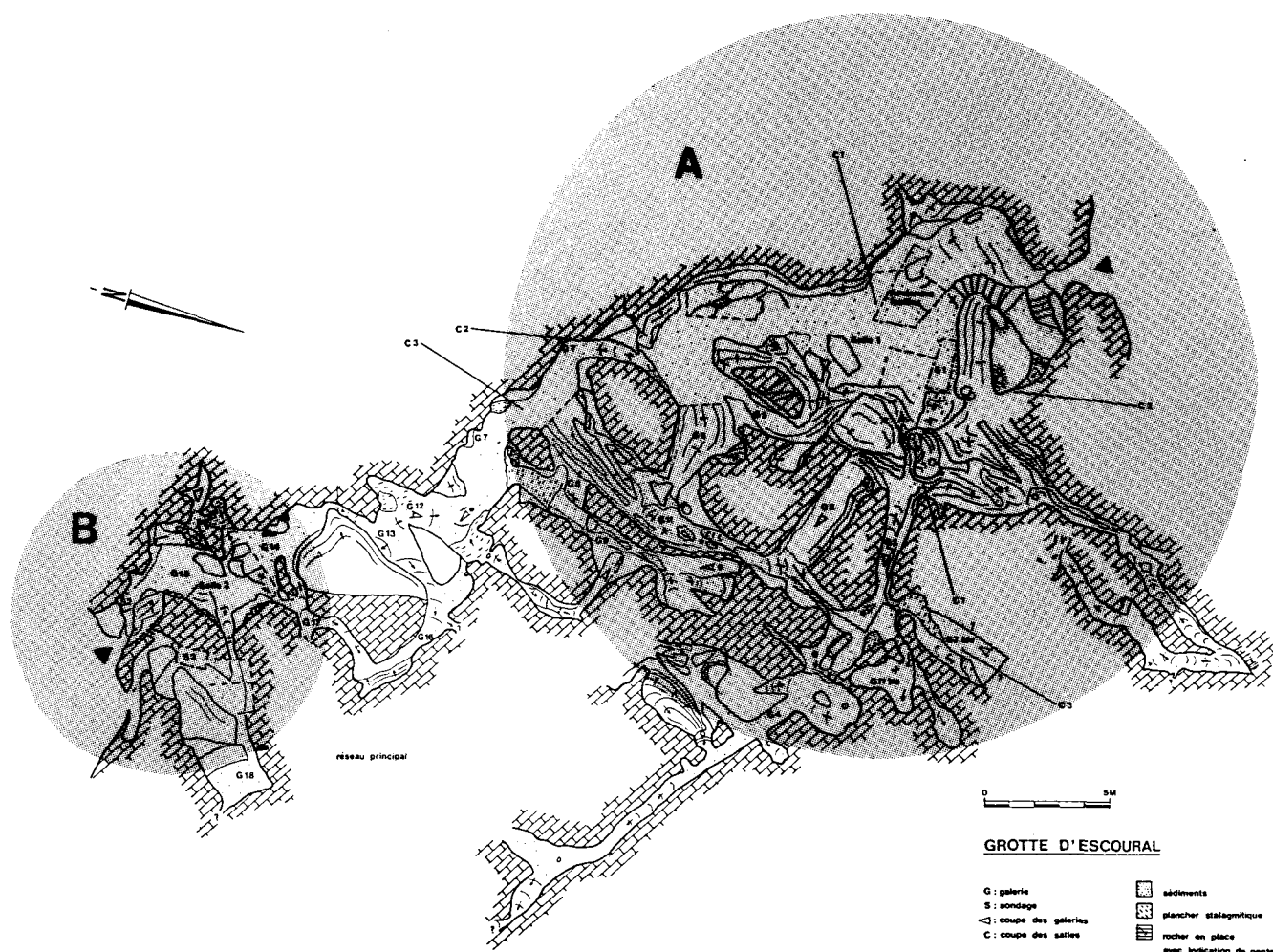


Fig. 6 - Localização, no interior da cavidade, das diferentes ocupações arqueológicas reconhecidas até ao momento.

Fig. 7 - Corte estratigráfico das "secções" a a g redesenhado a partir de um original de 1964.  
 Nota: não se encontra representada a placa estalagmítica superficial. As profundidades atingidas em cada uma das secções foram obtidas a partir de um ponto 0 cotado no interior da gruta, que estaria sensivelmente 50 cm acima da placa estalagmítica superficial.

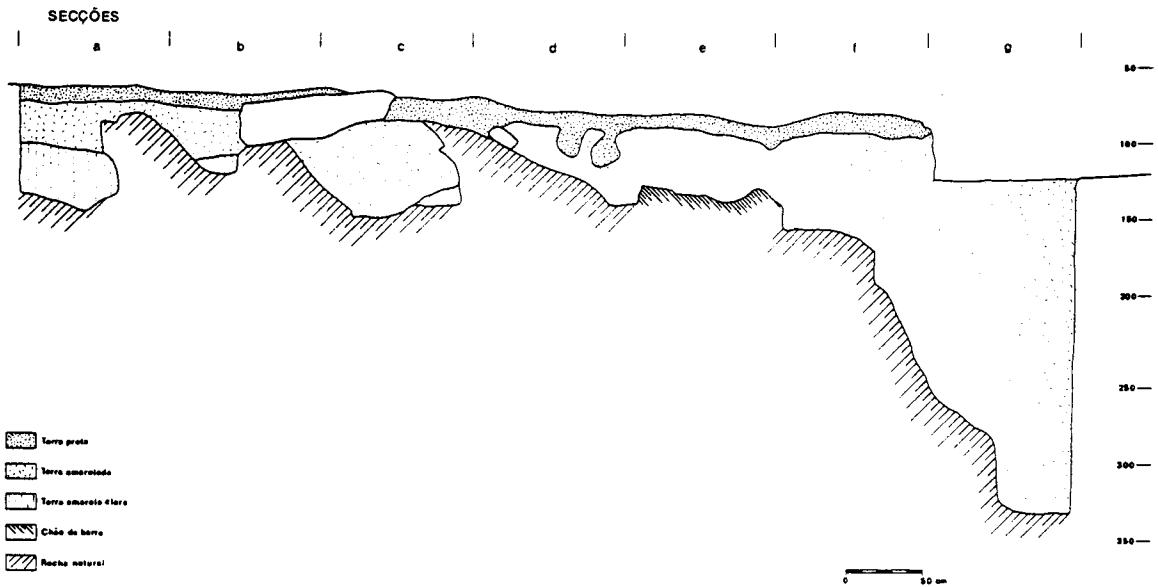


Fig. 8 - Representação esquemática da estratigrafia da Galeria 1, elaborada apenas a partir da análise das etiquetas e materiais recuperados em 1965 e 1966.

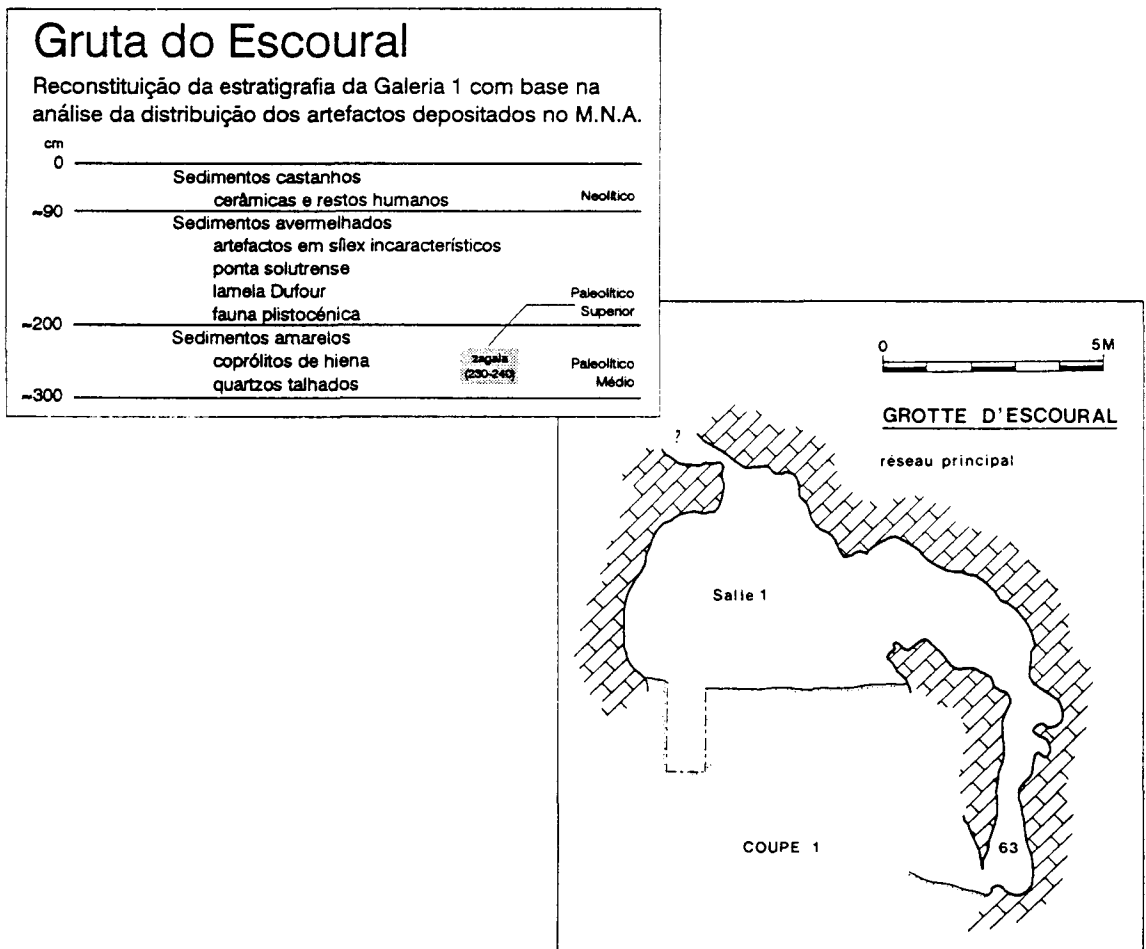


Fig. 9 - Projecção em corte do desnível existente entre a Sala 1 e a Galeria 3.

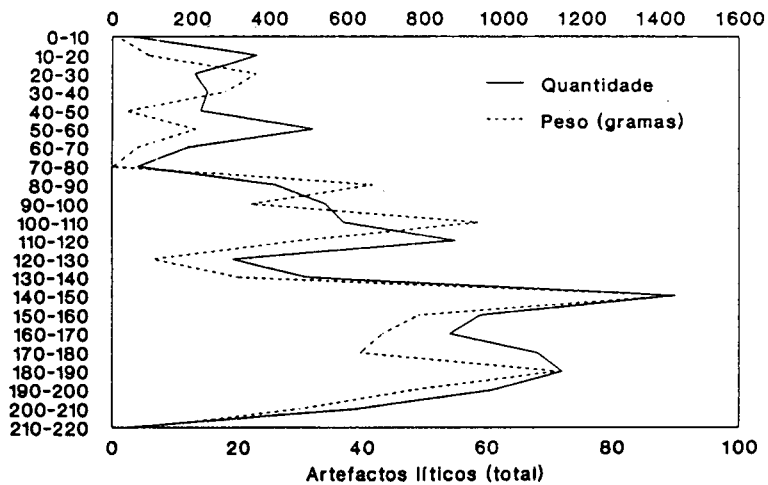
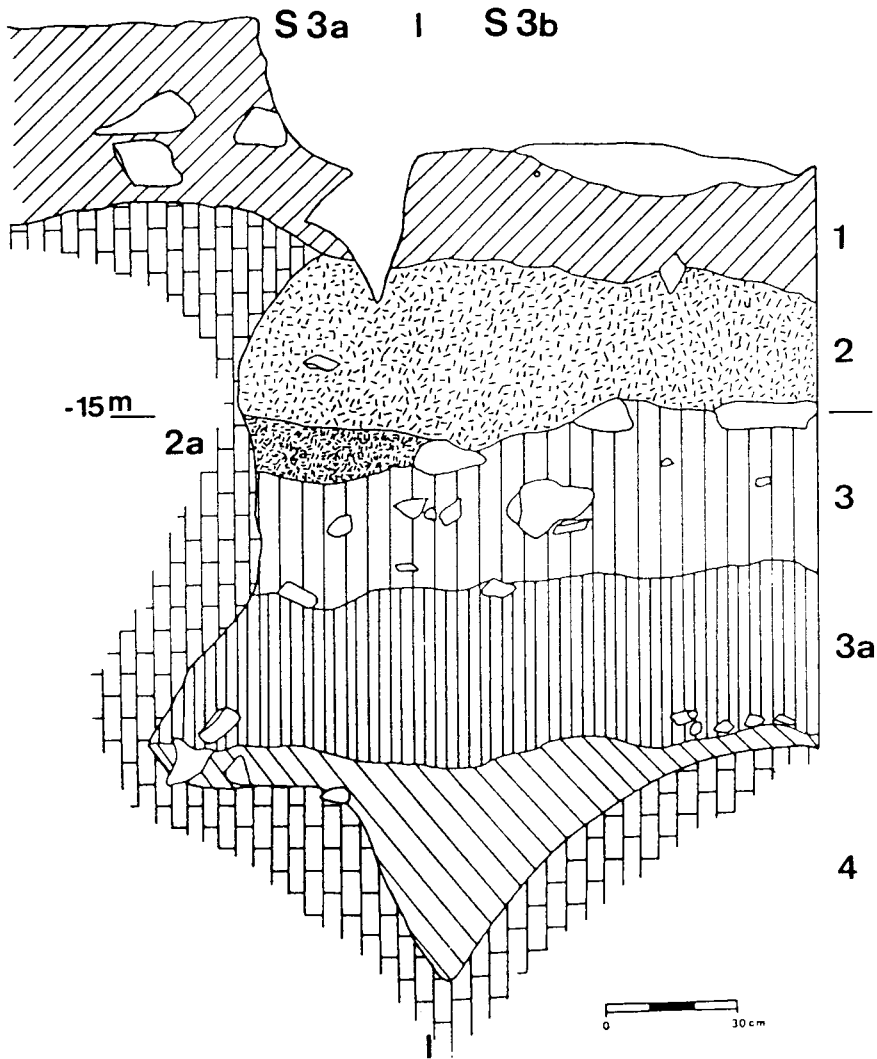


Fig. 10 - Corte estratigráfico da Sondagem 3 (Galeria 18) realizado em 1992 e gráfico da distribuição dos artefactos (quantidade e peso) em profundidade.  
 Nota: Como se pode verificar, as mudanças de camada são sistematicamente acompanhadas por um aumento significativo de artefactos líticos.

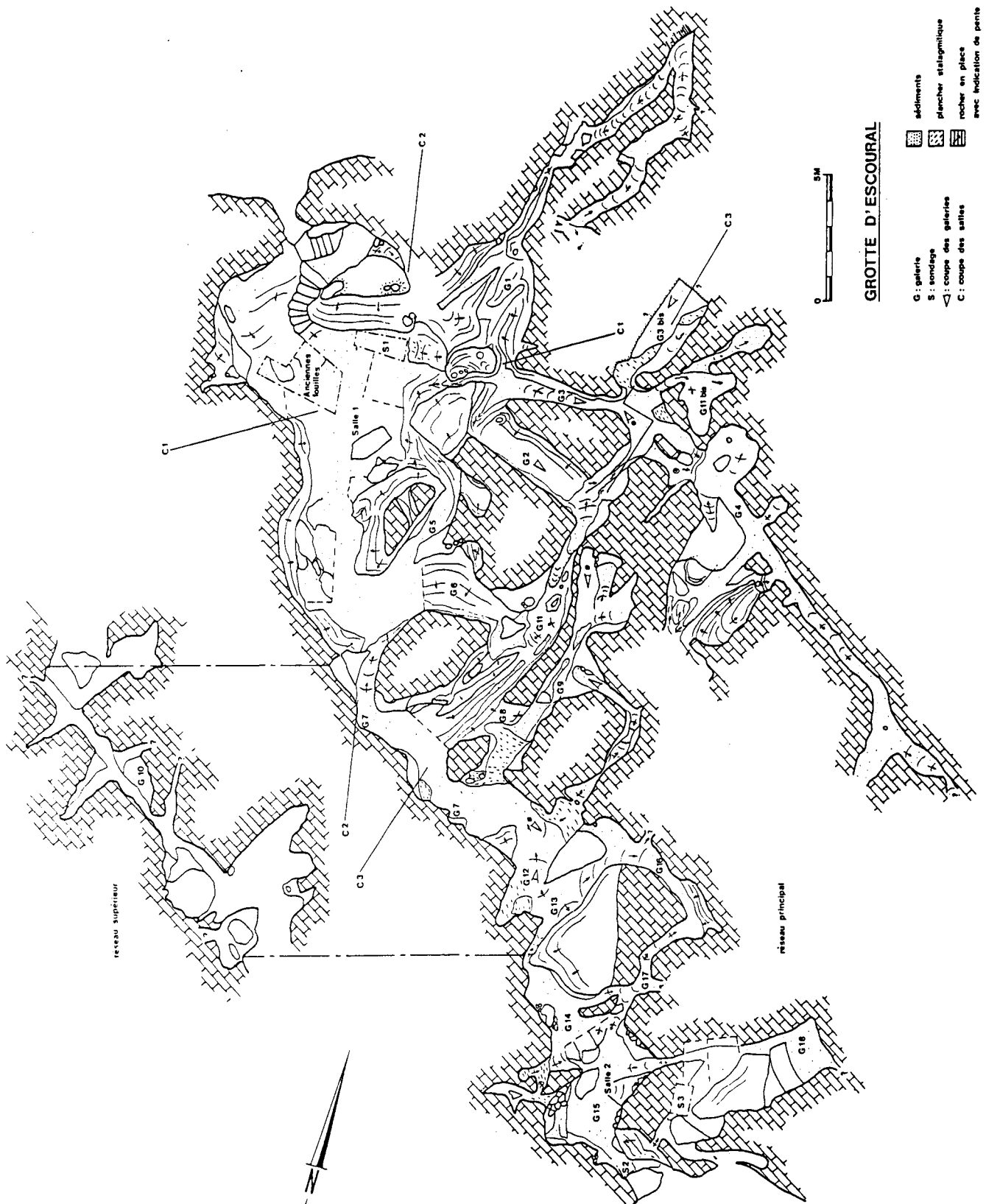


Fig. 11 - Planta da cavidade, rede superior.

Nota: A planta que agora se apresenta é o resultado de quatro anos de investigação e exploração da rede cársica, levada a cabo por P. Lacroix.